

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

SESC/DIVULGAÇÃO/JC



Espetáculo no Teatro Simões Lopes Neto reúne coral jovem Guarani Mbya e banda de câmara Tum Toin Foin para marcar os 400 anos das Missões Jesuíticas

MÚSICA

Ponte sonora entre o ancestral e o moderno

Andressa Pufal

andressap@jornaldocomercio.com.br

Em um espetáculo que marca os 400 anos das Missões Jesuíticas, o Teatro Simões Lopes Neto recebe, nesta terça-feira, às 20h, uma fusão entre a ancestralidade indígena, o jazz, a cumbia, o choro e outros ritmos latino-americanos. O Jerojy Mbaraete Grupo, coral jovem Guarani Mbya de São Miguel das Missões, sobe ao palco ao lado da banda de câmara Tum Toin Foin para celebrar as expressões culturais e a memória dos povos originários. Ingressos estão à venda por R\$ 15,00 no site do Sesc.

A música guarani que a gente conhece hoje é fruto de um encontro. Um encontro que ocorreu há quatro séculos, com a chegada dos jesuítas na região das Missões. Apesar das mazelas trazidas pela colonização e catequização, a arte encontrou frestas para florescer num am-

biente de dominação e achatamento de culturas ancestrais.

Sendo os guaranis uma comunidade muito musical, os colonizadores entenderam que a comunicação teria que se desenvolver a partir das canções. E assim foi: vieram para cá padres músicos que estabeleceram uma relação com os povos originários que se estendeu por mais de um século.

Não se tem registro de como eram as sonoridades criadas pelos guarani pelos milênios que antecederam este encontro. O que se sabe é que desta troca nasceram as características que tornam essa obra tão única: a forte influência da música barroca europeia e a inédita presença de instrumentalização com violino e violão de cinco cordas, não vista na produção musical de nenhum outro povo indígena do País.

Formado por 12 crianças e adolescentes Guarani Mbya, de 10 a 16 anos, o Jerojy Mbaraete

Grupo apresenta no espetáculo o repertório guarani atual. Ao lado do coral, a Tum Toin Foin interpreta temas de artistas indígenas contemporâneos, como Romário Vherá Xunun e Tainara Takua, em novos arranjos, que dialogam com o caldeirão de gêneros característico do grupo.

O show desta terça é o encerramento do projeto Território Missões: Cultura, Música e Encontros, que já levou a apresentação para palcos de São Borja, São Luiz Gonzaga, Santa Rosa, Santo Ângelo, Ijuí, Cruz Alta e São Miguel das Missões.

“A música guarani é extremamente melódica. Eles usam o violão de cinco cordas - cada corda representando uma entidade, um deus - e usam o violino. Isso é a herança da música barroca”, examina o músico e pesquisador Arthur de Faria, que está à frente da Tum Toin Foin. “As canções que têm letra são em guarani e falam da natureza, da mata sagrada, da co-

munhão, de como todo mundo é uma coisa só.”

Na primeira parte do show, o coral assume o protagonismo e canta suas composições ao som do violão, do violino e do mbaraká - instrumento de chocalho tradicional das culturas originárias. Depois, entram os rearranjos da Tum Toin Foin, que tecem a música guarani contemporânea a partir do fio condutor do grupo: a profusão de sons, instrumentos e gêneros.

“A gente não mexe em nada da melodia, do instrumental. Mas nos novos arranjos, a gente tenta aproximar essas canções a sonoridades de choro, de cumbia, de jazz, de MPB. Experimentando pra ver no que dá”, comenta. “E é impressionante como funciona, como encaixa, como tudo flui muito bem.”

A música brasileira, como se sabe, tem fortíssima influência de sotaques das diversas nações africanas e europeias que fincaram raízes por aqui. Em

contrapartida, por muito tempo as contribuições indígenas ficaram de fora desse repertório. “Quando comecei a estudar sobre música indígena, percebi que era muito parecido com a música folclórica do norte da Argentina, do Peru, da Bolívia, de algumas regiões do Chile”, analisa Arthur. “E comecei a reparar que no Brasil a gente não ficou com nada disso.”

A vida é a arte do encontro, diz o poeta. Do encontro entre culturas radicalmente opostas nasceu uma linguagem sonora tão potente que insistiu em ecoar por quatro séculos, mesmo que, muitas vezes, sem a devida plateia. Agora, o espetáculo renova essa fricção secular ao propor uma nova ponte - um terreno fértil para a matriz indígena florescer nos rumos da música popular brasileira. “A gente está colocando um grãozinho de areia nessa futura praia. Essa foi a ideia do projeto desde o início”, sintetiza Arthur.